

O Cenário da mulher na Escola de Engenharia da Universidade Federal do Pará

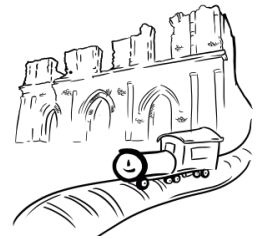
LIGIA DA PAZ DE SOUZA – UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – LIGIADAPAZ@OUTLOOK.COM

RESUMO

Na engenharia, a mulher convive com o machismo e discriminação, com assédio sexual e moral, e passa por situações constantes de testes à sua capacidade até encontrar seu perfil profissional como engenheira e integrar-se à comunidade de engenheiros. Neste contexto, o presente trabalho buscou analisar a atual situação da mulher nos cursos de engenharia da Universidade Federal do Pará (UFPA), através da aplicação via *internet* de um formulário destinado a 90 (noventa) discentes do sexo feminino da Escola de Engenharia da UFPA, com perguntas de múltipla escolha e espaço para relatos, abordando a problemática existente no local, os desafios ainda presentes neste meio acadêmico e as possíveis reflexões de tais situações no futuro profissional. Também se verificou o Centro de Processos Seletivos da UFPA (CEPS) para coleta dos números de aprovados, de 2011 a 2018, por sexo/gênero nos cursos de engenharia, pelo do Processo Seletivo da UFPA e pelo Exame Nacional do Ensino Médio, correspondendo a uma análise do interesse das mulheres em relação aos cursos de engenharia. Percebeu-se que o ingresso de homens, em relação às mulheres, possui maiores números, principalmente nos cursos de Engenharia Civil, Engenharia Elétrica e Engenharia Mecânica. Os cursos de Engenharia de Alimentos e Engenharia Sanitária e Ambiental apresentaram maior dominância do público feminino e o curso de Engenharia Química permaneceu com números equilibrados entre os dois sexos. Em cálculos específicos de 2011 a 2018, apesar da maioria homem, notou-se a maior busca da mulher em áreas que eram mais restritas a homens e que possuíam percentual baixo de interesse feminino. Quanto aos relatos das entrevistadas, percebeu-se que as mulheres enfrentam, desde a escolha do curso, situações de discriminação, desrespeito, assédios morais e sexuais e intimidações. Das 90 entrevistadas, 61% afirmaram já ter sofrido assédio por parte dos professores e alunos, 37% foram agredidas por alunos e 11% por professores (sendo agressões dos tipos morais, sexuais e psicológicas). Tais tipos de ocorrências são, muitas vezes, vistas como parte do processo e do curso, assim as mulheres buscam, cada vez mais, se adaptar em tais ambientes de forma a superar as barreiras sociais impostas, fazendo-as a tomar atitudes constantes para provar as suas capacidades de seguirem a profissão que escolheram, se esforçando mais e buscando um mercado que as valorizem como mulheres engenheiras e não as enxerguem como mulher de forma sexualizada.

PALAVRAS-CHAVE: Engenharia. Machismo. Desafios. Gênero. Mulheres.

XV ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL
12 a 14 de novembro de 2018
Alagoinhas- BA, Brasil



INTRODUÇÃO

“A educação superior é compreendida como um elemento importante para o desenvolvimento da sociedade, visto que é um espaço de construção de saberes científicos e tecnológicos” (FERREIRA, 2009). O Ensino Superior (ES) no Brasil foi instaurado em 1808, tendo o acesso das mulheres a esse direito apenas em 1879 com a Reforma Leôncio de Carvalho, conforme Nailda Marinho cita em Motta (2014). Desde então, o registro acadêmico das mulheres no ES vem crescendo e, pelos dados do último Censo da Educação Superior de 2016, coletados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), está em maior número nas matrículas.

A entrada da mulher no ES, apesar de mais livre em comparação aos anos anteriores, ainda enfrenta desafios devido a inúmeros fatores sociais e culturais. Segundo Lombardi (2017), nas últimas quatro décadas, as escolhas das mulheres quanto suas profissões se diversificaram e se inclinaram às áreas mais tradicionais e prestigiadas, normalmente destinada aos homens, e se tratando de engenharia somente 18% eram acessíveis às mulheres.

“Nas engenharias, a resistência à inserção e integração das mulheres persiste e é denunciada pelo ritmo lento, quando comparado ao de outras profissões igualmente de prestígio, como as do direito e da medicina” (SALERNO et al., 2013). Este fato é consequência direta da cultura dominante dos homens na área tecnológica, principalmente engenharia, resultando em tratamentos diferentes e maior facilidade para os homens, segundo Faulkner (2009).

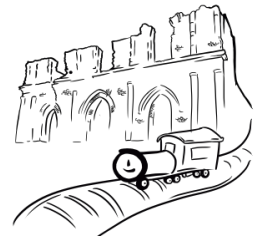
Barbosa (2007) relaciona essa inferiorização feminina e superioridade masculina ao gênero e sexo, que, embora sejam diferentes, estão interligados, fazendo com que as diferenças biológicas percebidas entre homens e mulheres, as hierarquias sociais derivadas dessas diferenças e as desigualdades sociais resultem em opressão e dominação masculina.

Faulkner (2007) menciona alguns fatos que comprovam a engenharia generificada, bem como pesquisas que mostram como a mulher é vista na engenharia de maneira sexualizada e não profissional, como engenheira. Isto faz com que muitas engenheiras não sejam reconhecidas por suas qualificações, dificultando a inserção das mesmas no mercado e, até mesmo, conquistas acadêmicas ao decorrer dos seus estudos.

Tanto no meio acadêmico quanto no profissional, a estudante de engenharia ou engenheira precisa se adaptar ao ambiente que Lombardi (2017) caracteriza como marcado por um linguajar rude, muitas vezes desrespeitoso, dos colegas e principalmente dos chefes, com constantes xingamentos, depreciações, afirmações autoritárias e machistas. Nas universidades é muito comum observar esse tipo de comportamento nos alunos e professores de engenharia.

Em algumas reuniões de alunos ou profissionais, Faulkner (2007) destaca a cultura do *laddish*, caracterizado pelas conversas sobre futebol, xingamentos, heteronormatividade, humor mórbido e insinuações sexuais. A autora observou situações onde as interações sociais eram respeitadas e as mulheres não relatavam esses tópicos de assunto incômodos. No entanto, destaca: “[...] ser membro - para mulheres e homens - significa tornar-se 'um dos caras', em algum grau pelo menos”.

XV ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL
12 a 14 de novembro de 2018
Alagoinhas- BA, Brasil



Esses comportamentos ditos como característicos abrem espaço, também, para situações de assédio, muitas vezes banalizadas, naturalizadas e ditas não existentes, principalmente por quem as pratica. Lombardi (2017) relaciona as discriminações e desrespeitos à mulher com a possibilidade de se tornarem situações de assédio sexual, que Barros (1998 apud RIOS, 2015) define como qualquer insinuação de cunho sexual que viole a dignidade, intimide ou humilhe o indivíduo, no caso em questão (e na maioria deles), as mulheres.

Na engenharia, a mulher convive com o machismo e discriminação, com assédio sexual e moral, e passa por situações constantes de testes à sua capacidade até encontrar seu perfil profissional como engenheira e integrar-se à comunidade de engenheiros, como reforça Lombardi (2017). Neste contexto, o presente trabalho buscou analisar, através de relatos de alunas de engenharia, o atual cenário da mulher na Escola de Engenharia da Universidade Federal do Pará, bem como a problemática existente no local, os desafios ainda presentes neste meio acadêmico e as possíveis reflexões de tais situações no futuro profissional.

METODOLOGIA

O estudo foi feito através da aplicação via *internet* de um formulário destinado a 90 (noventa) discentes do sexo feminino da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Pará (UFPA), com perguntas de múltipla escolha, espaço para relatos e com organização dos resultados através de ferramentas estatísticas do *Excel* 2010, validando os números em relações de porcentagens. Também se verificou o Centro de Processos Seletivos da UFPA (CEPS) para coleta de dados numéricos dos aprovados nos cursos de engenharia por sexo/gênero de 2011 a 2018, considerando o Processo Seletivo da UFPA específico, utilizado até 2013, e o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, adotado a partir de 2014. Os nomes das entrevistadas foram substituídos por nomes fictícios atribuídos pela autora de modo a preservar a identidade das mesmas.

DESENVOLVIMENTO (RESULTADOS E DISCUSSÕES)

A Escola de Engenharia da UFPA, também chamada de Instituto de Tecnologia (ITEC), conta com 10 cursos de engenharia. Anualmente, são disponibilizadas 655 vagas no Processo Seletivo, utilizando o ENEM, e de acordo com os dados coletados no CEPS, considerando os cursos mais antigos (Engenharia Civil, Engenharia de Alimentos, Engenharia de Computação, Engenharia Química, Engenharia Elétrica, Engenharia Naval e Engenharia Sanitária e Ambiental) a maiorias dos aprovados no curso é de público masculino, conforme ilustrado no Gráfico 1.

XV ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL
12 a 14 de novembro de 2018
Alagoinhas- BA, Brasil

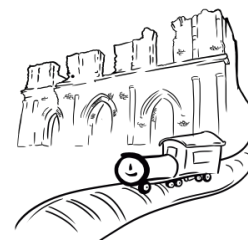
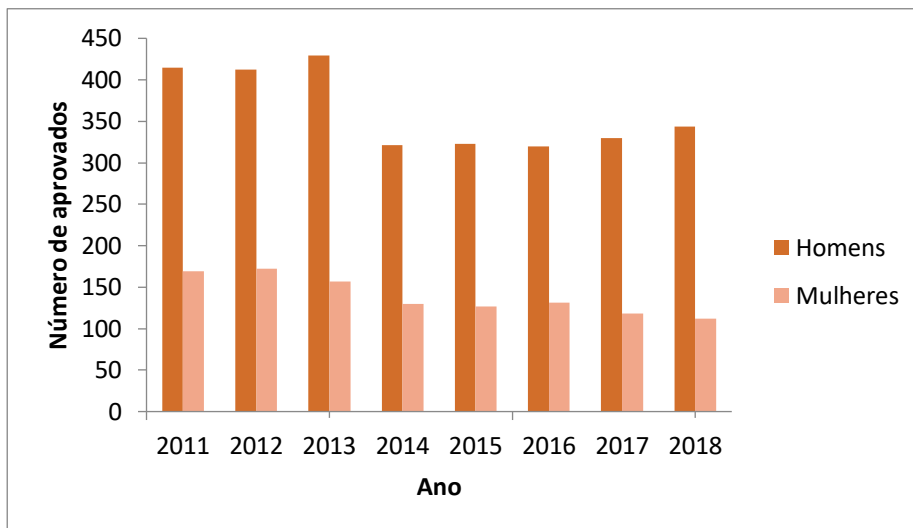


Gráfico 1 – Número de aprovados em cursos de engenharia pelo PS da UFPA de 2011 a 2018.



Fonte: Autora, 2018.

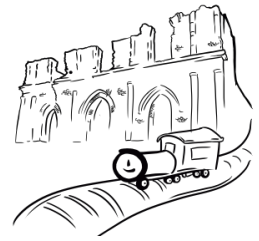
A questão de aprovação corresponde ao interesse das mulheres em relação aos cursos de engenharia pela suas participações em processos seletivos que as oferecem. Na UFPA, em 2011, 169 mulheres optaram pelas áreas da engenharia, paralelamente a 415 homens. Em 2018, ambos os números decaíram para 112 e 344, respectivamente, como se pode observar no gráfico 1. Em cálculos específicos de 2011 a 2018, no entanto, notou-se a maior busca da mulher em áreas que eram mais restritas a homens e que possuíam percentual baixo de interesse feminino.

Percebeu-se que o ingresso de homens, em relação às mulheres, tem maiores números, principalmente nos cursos mais tradicionais como Engenharia Civil, Engenharia Elétrica e Engenharia Mecânica, chegando a ter uma diferença de 110 aprovados do sexo masculino para 36 do sexo feminino.

Os cursos de Engenharia de Alimentos e Engenharia Sanitária e Ambiental apresentaram pouca variação quanto ao perfil de 2011, prevalecendo o público feminino em maioria, até o ano de 2017 com o aumento do ingresso de homens. Já o curso de Engenharia Química permaneceu com números equilibrados, com as mulheres alcançando o maior número no ano de 2015. Conforme Carvalho (2007) menciona, o fato de essas engenharias serem mais de gestão e laboratórios, a aceitação pelas mulheres é maior do que as mais tradicionais, chegando a serem rotuladas como “engenharia de mulher”. O autor discorre:

Alguns setores da engenharia, por serem considerados “redutos masculinos”, apresentam fatores que tendem a dificultar o trabalho das engenheiras. A realização dos trabalhos exige esforço no sentido de superar uma discriminação que muitas mulheres não estão dispostas a enfrentar fazendo com que as engenheiras se voltem mais para trabalhos internos em escritórios e laboratórios, deixando para os homens as atividades voltadas para o campo (canteiro de obras).

XV ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL
12 a 14 de novembro de 2018
Alagoinhas- BA, Brasil



Quanto aos formulários respondidos, o primeiro aspecto abordado foi sobre a maioria de homens ou mulheres nas turmas. Apenas 33% das entrevistadas mencionaram maior quantidade de mulheres em suas turmas, sendo estas de Engenharia Sanitária e Ambiental, Engenharia Química e Engenharia de Bioprocessos.

Apesar do maior número de homens no ingresso das turmas de engenharia, as mulheres são a maioria na conclusão do curso. De acordo com dados do censo de 2016 do INEP (2017), incluindo instituições públicas e privadas em graduações presenciais e a distância, o total de concluintes mulheres é de 718.282, sendo 59.449 na região Norte, enquanto o de homens é de 451.167 e 33.658 respectivamente. No entanto, apesar da educação no Brasil ser dominado pelo público feminino, o mercado reserva-se com maiores cargos e atribuições para os homens.

A respeito da escolha do curso, 67% responderam que houve pessoas contra a decisão de estudar engenharia, sendo mencionados em maior frequência os pais e outros familiares, como tios e avós. Alves & Soares (2001 apud BARBOSA, 2007) associam tal situação à socialização, como:

[...] ao menino é permitido coisas que são vetadas às meninas, como subir em árvore, assobiar, brigar, correr na rua, etc.; fazendo com que os meninos sintam a superioridade masculina, além disso, as brincadeiras reforçam a divisão sexual do trabalho, para outras abordagens, a divisão dos papéis de gênero quando as meninas são convidadas a brincar de casinha e presenteadas com estojos de maquiagem; enquanto os meninos são estimulados a brincar de soldadinhos, revólveres e jogos de ação. Este processo acaba consolidando a divisão sexual do trabalho, incumbindo às mulheres o espaço doméstico-privado e ao homem o espaço público da produção de bens materiais, da produção científica, do trabalho remunerado, da política.

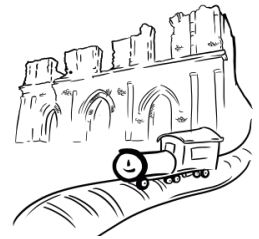
A escolha do curso pela mulher ainda é muito associada às áreas da educação e da saúde, deixando as exatas para os homens. Esta visão possui raízes históricas e muitas famílias ainda perpetuam tais pensamentos com o passar das gerações, não aceitando o fato de uma mulher querer seguir um curso “para homem”, questionando-as e também dificultando, por pressões psicológicas, principalmente, a entrada das mulheres na área.

Entretanto, é importante mencionar que a quantidade de mulheres vem aumentando em cargos e exercícios que eram destinadas a homens e, conforme Barbosa (2007), isso é resultado de uma série de mudanças e avanços na organização do trabalho e no processo de produção, e também das lutas sociais de gênero e movimento feminista em âmbito nacional e internacional.

Quando questionadas acerca das dificuldades enfrentadas no curso, desde o início do mesmo, 88% das alunas citaram questões de diferença de gênero envolvendo machismo, assédio, dificuldades de se inserir no meio acadêmico e profissional pela falta de credibilidade e comentários preconceituosos por parte do corpo docente e discente, conforme relatos a seguir:

“Ouvir de professores sobre como a indústria não é um bom lugar para mulheres, pois elas ‘não aguentam um ‘esporro’ do chefe sem chorar’.”
(Fernanda, estudante de Engenharia Química).

XV ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL
12 a 14 de novembro de 2018
Alagoinhas- BA, Brasil



“O olhar preconceituoso dos homens e as constantes indiretas sobre a minha capacidade enquanto futura engenheira.” (Isabela, estudante de Engenharia Mecânica).

“Uma empresa que deixou claro que queria preferencialmente estagiários do sexo masculino” (Camila, estudante de Engenharia de Alimentos).

“Os homens (professores e alunos) não acreditarem no meu potencial. E infelizmente buscam me diminuir, não só a mim, mas como todas as outras mulheres da faculdade.” (Laura, estudante de Engenharia Naval).

Ao associarem as dificuldades do curso ao assédio moral e sexual, permite-se a introdução à problemática envolvendo a violência contra a mulher. “A percepção da violência está associada com uma identificação do excesso da ação, ou seja, ela é sentida quando se ultrapassa limites, estabelecidos pelo social, cultural, histórico e/ou subjetivo.” (GUIMARÃES & PEDROZA, 2015). Socialmente, a palavra agressão carrega um teor mais ‘pesado’ do que a palavra assédio e, como dita Demolinari (2017), o assédio é “uma agressão encoberta”. A autora acrescenta:

“A questão é tão arraigada que há assédios que são pouco percebidos, como por exemplo o de rua. É comum ouvir que, se uma mulher andar pelas ruas ou passar em frente a uma construção e não ouvir um “fiu-fiu” ela não pode se considerar bonita. Uma clara banalização da agressão. [...]Viver em sociedade implica em freios sociais e civis e isso inclui conter o impulso de não cometer crime, seja ele físico, psicológico ou moral. “

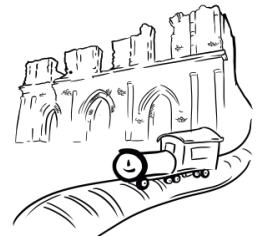
Quando questionadas sobre acontecimentos de assédio (entendida pela maioria como atos mais ‘leves’), 61% das estudantes afirmaram já ter sofrido com algum tipo de assédio por parte dos homens, em geral, no curso. Em relação à agressão (utilizou-se, propositalmente, a palavra de natureza mais carregada) por parte de alunos, 37% afirmaram ter sido agredidas, sendo destes 11% relatado três ou mais vezes o acontecimento. Quanto ao tipo de agressão, foram citados os tipos moral (calúnia, injúria e difamação), psicológica (humilhação, insultos, isolamento, perseguição e ameaças) e sexual (pressão para fazer sexo, exigência de práticas indesejadas, e negação de uso de contraceptivos). Por exemplo:

“[...] meu colega de estágio pediu inúmeras vezes, fotos minhas sem roupas, varias vezes falaram do meu corpo de maneira vulgar e desrespeitosa. Uma outra situação: eu fiquei com um ex colega de estágio e o mesmo, ficou pedindo excessivamente para eu fazer sexo oral, bem como tentar me beijar, mesmo eu dizendo não.” (Manuela, estudante de Engenharia da Computação).

“Não sei contabilizar, mas os homens da turma sempre riem quando uma mulher faz pergunta, comentários, risinhos etc.. Já ocorreu de apostarem na nossa frente quem ia ser a primeira a largar o curso. Além de, claro, as diversas brincadeiras de cunho sexual no ‘grupo dos meninos’”. (Giovanna, estudante de Engenharia Naval).

Em relação à agressão por parte dos professores, 11% relatou ter sofrido com o ato, classificando-a como agressões morais, psicológicas e sexuais, sendo mencionado como

XV ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL
12 a 14 de novembro de 2018
Alagoinhas- BA, Brasil



acontecido em três ou mais vezes por 60% destas alunas, sendo descrito, em maioria, comentários desrespeitosos e piadas sexistas em sala de aula e práticas forçadas de cunho sexual.

“Ele era bem ‘carinhoso’ comigo, mas só consegui ver que não era carinho, mas sim desrespeito, após essa situação: entrei em um projeto de pesquisa científica que era liderado por ele, na primeira vez que fiquei sozinha com ele em uma sala, infelizmente, a sós, todas as vezes que eu ia tirar dúvidas, ele segurava minha cintura e me puxava de forma que mais seios ficassem próximos ao rosto dele, na última vez ele deu um beijo no meu seio e eu fiquei desesperada, sai da sala. Infelizmente tive que continuar um semestre estudando com ele, não conseguia nem olhar no rosto dele, com medo e vergonha. Comentei com minha mãe que disse apenas pra eu ter cuidado e sair do projeto que era um dos meus sonhos.” (Marina, estudante de Engenharia Mecânica).

Sabe-se que a mulher tem a tendência de se sentir inferiorizada, envergonhada e intimidada em um ambiente que possui, em maioria, homens como é o caso da engenharia, principalmente em meio aos acontecimentos mencionados acima. Assim, espera-se que a presença de mulheres, tanto em número de alunas quanto no corpo docente, deixem o local mais suscetível e agradável para que se sintam mais segurança e confiança.

Sobre esta hipótese, conforme exposto em comentários abaixo, 49% das entrevistadas alegaram preferência por professoras mulheres, afirmando maior rendimento e sentimento de conforto, empatia e incentivo pelas mesmas. Entretanto, 43% não associaram o gênero do docente ao modo de aula e retorno dos alunos, comentando, também, sobre professoras que fazem comentários machistas semelhante aos professores. 8% das entrevistadas mencionaram nunca terem tido professoras mulheres, acrescentando que gostariam de ter e imaginavam ser mais confortável.

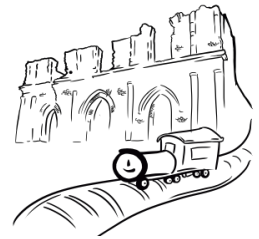
“Sim, me sinto mais confortável para conversar sobre assuntos variados sem medo de ser interpretado como flerte pelo professor.” (Lorena, estudante de Engenharia Civil).

“Tenho professora mulher, mas não deixo de interagir e de perguntar para algum professor homem! Se tiver respeito em ambas as partes não têm porque não interagir ou não se sentir confortável.” (Fernanda, estudante de Engenharia Sanitária e Ambiental).

“Tive apenas uma professora mulher até agora, mas sim, passa um conforto diferente, principalmente por saber que na época ela pode ter passado coisas piores por ter feito engenharia.” (Giovanna, estudante de Engenharia Naval).

Acerca do relacionamento com os homens da turma em questões acadêmicas, questionou-se se alguma vez as entrevistadas passaram por situações onde eram a única mulher presente no grupo ou atividade acadêmica e 48% informaram já ter tido a experiência, sendo esta bem frequente devido ao maior número de homens na maioria das turmas de engenharia. As discentes declararam:

XV ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL
12 a 14 de novembro de 2018
Alagoinhas- BA, Brasil



“Sempre. Eu tenho a vantagem de ser a mais responsável e dedicada dentro do meu grupo de amigos da faculdade, todos eles me respeitam bastante e geralmente não tenho problema em liderar o trabalho, eles me ajudam muito.” (Gabriela, estudante de Engenharia de Telecomunicação).

“Sim. Foi uma função desempenhada com muito tato, porque os homens com os quais trabalhei se sentem ofendidos de receber orientações de uma figura feminina.” (Natália, estudante de Engenharia Naval).

“Já precisei liderar uma assembléia de profissionais da área ambiental, fora do meio acadêmico. Em vários momentos eles levantavam a voz como forma de tentar serem ouvidos ou me calarem. Tive que ser bem mais firme e ameaçar punições para quem não respeitasse o direito da fala.” (Carol, estudante de Engenharia Sanitária e Ambiental).

A respeito de estágios, bolsas de pesquisa, entre outras atividades de ensino e extensão, questionou-se se as estudantes já haviam perdido oportunidades de participar por questões de gênero, sendo esta situação afirmada por 24% das mesmas, em maioria nos cursos de Engenharia Civil, Engenharia Mecânica, Engenharia Sanitária e Ambiental e Engenharia Elétrica. Nestes cursos é muito comum a realização de trabalhos ditos “mais braçais” em canteiro de obras, aterros sanitários e com máquinas. Como já mencionado por Carvalho (2007), as mulheres ainda enfrentam discriminação em tais ambientes por considerarem tais atividades como “de homem”, o que leva muitos processos seletivos considerarem o gênero/sexo como requisito para seleção.

No entanto, mesmo com infinitas problemáticas existentes na graduação da mulher em engenharia, as estudantes compartilharam feitos acadêmicos gratificantes para as mesmas durante o curso:

“Entrei para o Grupo PETEE, na época eu era a única mulher participando do processo. E o grupo por si só já era composto por alunos do sexo masculino.” (Renata, estudante de Engenharia Elétrica).

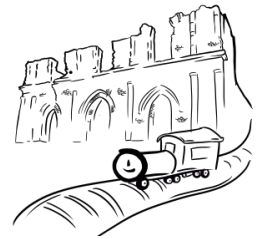
“Fazer parte de um projeto que incentiva mulheres a ingressarem nos cursos de exatas. É gratificante ver o quanto projeto incentiva as meninas.” (Larissa, estudante de Engenharia Biomédica).

“Fui a primeira da minha turma a conseguir bolsa de iniciação científica em um laboratório de pesquisa da minha faculdade. Justo no laboratório que todos os alunos veteranos diziam que não se aceitavam mulheres.” (Rafaela, estudante de Engenharia Mecânica).

“Quando me tornei diretora da Empresa Júnior, tendo que comandar uma equipe formada somente por homens. Outro momento foi conseguir um estágio sendo a mais nova e a única mulher, numa seleção que só tinha homem e mais velhos. [...] Entretanto, fui a única selecionada para o cargo [...]” (Bárbara, estudante de Engenharia Química).

Os resultados apontaram que a inserção, mesmo que lenta, da mulher na engenharia pode ser apresentada como um processo de fases: a decisão pelo curso, se manter no mesmo e concluí-lo. Conforme os dados apresentados pelo INEP (2017), o sucesso da trajetória da

XV ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL
12 a 14 de novembro de 2018
Alagoinhas- BA, Brasil



mulher é visto em maiores números de conclusão no Ensino Superior e, levando em consideração o crescimento das lutas feministas e a pressão das mesmas pelos seus direitos, espera-se que tal sucesso se expanda profissionalmente e a mulher possa exercer, conforme suas qualificações e de forma justa, seus cargos de engenheiras e em todas as áreas pelas quais decidam seguir sem nenhum obstáculo justificado por diferenças de sexo/gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada mostrou que a Escola de Engenharia, ou Instituto de Tecnologia, da Universidade Federal do Pará, ainda preserva muitos ideais da engenharia ser um curso para homem, pensamento perpetuado entre o próprio corpo docente e entre os discentes. Como relatado pelas entrevistadas, desde a entrada nos cursos, a trajetória das mulheres é marcada por situações de discriminação, desrespeito, assédios morais e sexuais e intimidações que, muitas das vezes, são naturalizadas e vistas como etapas que fazem parte do processo e não como uma problemática.

Nesse cenário, as mulheres buscam, cada vez mais, se adaptar em tais ambientes de forma a superar as barreiras sociais impostas, fazendo-as a tomar atitudes constantes para provar as suas capacidades de seguirem a profissão que escolheram, buscando um mercado que as valorizem como mulheres engenheiras e não mulheres de forma sexualizada.

Portanto, é de demasiada importância que se conheça e oriente as mulheres acerca do assunto para que ocorra o enfrentamento e superação de tais obstáculos sem submissão a situações de inferioridade e descréditos, incluindo também os homens nas discussões como tentativa de conscientização e desconstrução dos ideais naturalizados de superioridade que carregam. A elaboração de políticas e adoção de medidas que reestrutrem o campo tecnológico buscando mais segurança e estímulo às mulheres, como espaços liderados por mulheres para tratar de denúncias e discussão de assuntos de interesse, grupos de pesquisa, projetos de extensão, dentre outros modelos que visem à inserção da mulher nesses locais, podem ser tomados como um pontapé inicial nesse processo.

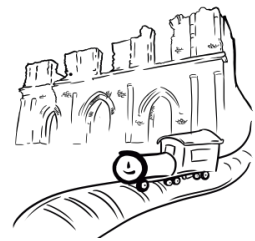
AGRADECIMENTOS

A todas as mulheres que se disponibilizaram a participar da pesquisa e a responder o formulário, relatando suas experiências e expondo suas opiniões, e a todos que auxiliaram na divulgação do mesmo em suas turmas e redes sociais.

REFERÊNCIAS

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – Inep, 2017. **Sinopses estatísticas da educação superior**. Disponível em:< <http://portal.inep.gov.br/web/guest/sinopses-estatisticas-da-educacao-superior>> Acesso: 17 ago. 2018.

XV ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL
12 a 14 de novembro de 2018
Alagoinhas- BA, Brasil



BARBOSA, Fátima Maria Ferreira. **A influência do Gênero na Escolha profissional.** Monografia de Graduação, Bacharel em Ciências Sociais/ UFRPE, Recife, 2007.

CARVALHO, Marília Gomes. Gênero e Tecnologia: estudantes de engenharia e o mercado de trabalho. In: Seminário Internacional Mercado de Trabalho e Gênero: comparações Brasil - França, 2007, São Paulo e Rio de Janeiro. **Anais...** São Paulo/Rio de Janeiro: Fundação Carlos Chagas GDRE - Groupement de recheches européen – MAGE Marché du travail et genre, 2007.

FERREIRA, Marco. Determinantes do rendimento acadêmico no ensino superior. **Revista Internacional D'humanitats**, Barcelona, v. 1, n. 15, p. 55-60, 2009. Disponível em: <http://www.hottopos.com/rih15/marcof.pdf>> Acesso: 10 ago. 2018

FAULKNER, Wendy. Tornar-se e Pertencer: Processos de Generificação na Engenharia. **Cadernos de gênero e tecnologia**, UFPR, v. 3, n. 10, p. 21-32, abr/mai/jun. 2007.

_____. FAULKNER, Wendy. Doing gender in engineering workplace cultures. Observations from the field. **Engineering Studies**, v. 1, n. 1, p. 3-18, 2009. DOI: 10.1080/19378620902721322.

Guimarães, Maisa Campos & Pedroza, Regina Lucia Sucupira. Violência contra a mulher: problematizando definições teóricas, filosóficas e jurídicas. **Psicologia & Sociedade**, v. 27, n. 2, p. 256-266. maio/ago. 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-03102015v27n2p256>

LOMBARDI, Maria Rosa. Mulheres em carreiras de prestígio: conquistas e desafios à feminização. **Cadernos de Pesquisa**, v.47, n.163 p.10-14 jan./mar. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/198053144421>.

SALERNO, Mario; TOLEDO, Demétrio G. C. de; GOMES, Leonardo A. V.; LINS, Leonardo Melo. Tendências e perspectivas da engenharia no Brasil. **Relatório Engenharia** .Data 2012: Formação e Mercado de trabalho em Engenharia no Brasil. USP/IEA, abril 2013.

MOTTA, Débora. Pesquisa analisa a trajetória de inserção das mulheres no ensino superior. **FAPERJ - Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro**. Ago, 2014. Disponível em:< <http://www.faperj.br/?id=2748.2.6>> Acesso: 17 ago. 2018.